



Convivência com Leituras

Gilssara Alberton

Professora da Rede Municipal de Curitiba, na Escola Municipal CEI Boa Vista do Paraíso

Email: gilssara_8@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho de revisão de literatura trata da importância de que os estudantes, nos anos iniciais, adquiram na formação básica: alfabetização e leitura. Faz-se necessária uma apurada investigação de como a prática vem sendo feita para que a apresentação literária não seja enfadonha, limitando-se ao mero exercício da leitura que possivelmente prejudique o desenvolvimento do estudante na aquisição da linguagem. Através da investigação teórica e prática observada nas escolas, pretende-se conhecer melhor o aspecto da alfabetização e letramento atrelado a materiais impressos que tragam aos estudantes curiosidade e gosto pelo uso constante da literatura em seu cotidiano.

Palavras-chave: *Literatura Infantil, Leitura em sala de aula, aprendizagem.*



INTRODUÇÃO

É preocupante ouvir alguns estudantes em idade de alfabetização pronunciarem a frase: “De novo história, professora?” Sendo que nessa idade a criança apresenta curiosidade aguçada e quer saber muito do que está ao seu redor, através de perguntas, pedidos de ajuda para ler para ela, além do esforço para aplicar o conhecimento de leitura que já adquiriu.

A escolha desse tema nasceu ao perceber-se a dificuldade que alguns estudantes têm em gostar de leitura ou aceitar ler apenas textos “necessários”. Há a necessidade de haver um trabalho intensificado com um olhar especial, pois além da leitura ser útil para o indivíduo também o é para o próprio desenvolvimento da sociedade, como afirma Ferreira (1985, p. 37): “a língua escrita é um objeto de uso social, com uma existência social”.

Os objetivos para esse trabalho são analisar como se dá a formação do gosto pela leitura em estudantes dos primeiros anos do Ensino Fundamental diante de um ensino pragmático de leitura e desenvolver habilidades linguísticas: ler, escrever, falar, escutar, contribuindo para a formação de leitores autônomos e competentes, num âmbito sensorial e cognitivo.

Mas o que é ler?

O que é leitura? Leitura é uma forma particular e natural de ver o mundo, disponível a quase todos. Desde cedo as crianças já fazem leituras de imagens, gestos e sons. Solé (1998, p. 22) define como um processo de interação entre o leitor e o texto; nesse processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua leitura - lemos para algo. Manguel (1997, p. 54), falando de processos mentais do ato de ler, afirma que “é um processo de construção desconcertante, labiríntico, comum e ao mesmo tempo pessoal”. Leitura não se define por processo mecânico, depende da capacidade de decifrar e fazer uso da linguagem. Portanto, ler é uma função social.

Segundo Solé (1998, p. 32), entre outros, “o

desafio da escola é que os alunos aprendam a ler corretamente, o que é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas”. A falta desta habilidade provoca uma profunda desvantagem nas pessoas que não conseguem realizar esta aprendizagem. Este é, portanto, o objetivo maior da escola. Para Solé (1998, p.47), se ensinarmos um aluno a ler compreensivamente e a aprender a partir da leitura, estamos fazendo com que ele aprenda a aprender. Damos com isso, autonomia em uma multiplicidade de situações. A leitura é complexa devido à variedade de aprendizagens que acontecem simultaneamente. Solé afirma que “para ler é necessário dominar habilidades de decodificação e aprender estratégias que levam à compreensão”. O leitor deve ser um processador ativo.

Como processador ativo entendemos que a criança em contato com o texto, inobstante a necessidade do desenvolvimento da capacidade de decodificação dos sinais e signos para a leitura de textos escritos, seja capaz de compreender a função que a literatura em suas variadas formas possui como registro de emoções humanas, de diferentes experiências e das inúmeras possibilidades que a escrita possibilita socialmente.

Para a promoção da leitura em sala de aula, é necessário que os professores se sintam preparados e animados para realizar este trabalho. Kramer (2010, p. 184) apresenta seu ponto de vista quanto aos cursos de formação de docentes:

A literatura precisa estar presente no curso de formação de professores, não de modo instrumental, mas como experiência, a fim de que os professores possam ter uma segunda chance de se tornarem leitores (se não o são ou se pararam de ler), uma chance de se tornarem professores que gostem de contar e escutar histórias, superando o medo ou o desgosto de ler e escrever.

Diversas avaliações são realizadas desde a década de 1990, para verificação da situação de leitura e escrita por secretarias de educação de municípios, estados e país. As avaliações externas como diagnóstico na alfabetização de abrangência nacional, o SAEB e a Prova Brasil, foram implantadas pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), do Ministério de Educação (MEC). Os valores apontam que o desempenho dos alunos é fraco, em sua maioria. A Prova Brasil, também chamada de Avaliação Nacional do Rendimento Escolar, é aplicada a cada biênio desde 2005. Diferenciam-se entre si, a primeira prova é amostral, a segunda é censitária.

Maciel (2009, p.95,96), ao fazer uma síntese das avaliações externas sobre níveis de alfabetiza-

ção e letramento, questiona porque somente alguns estudantes alcançam a média esperada, enquanto a grande maioria fica aquém, e sugere o seguinte:

[...] é necessário dar mais atenção a atividades de letramento, isto é, trabalhar desde muito cedo diversos textos (e suas funções) que circulam socialmente, mesmo antes de o aluno saber codificar e decodificar. As crianças precisam aprender a lidar com diversos portadores de textos como livros, jornais, revistas, catálogos, dicionários, folhetos, cartazes e com diferentes gêneros textuais como poemas, listas, receitas, entrevistas, cartas, bilhetes, anúncios, lendas, parlendas e fábulas.

A leitura deve ser uma prática constante mesmo depois da codificação e decodificação, “pois o aluno não aprende a ler textos mais complexos sozinho”. Necessita de mediação partindo do que ele já sabe ao que tem capacidade de apreender, numa acepção mais ampla ou a simples decodificação. Ferreiro e Morais (1996) falam da “consciência fonológica” apreendida através da leitura e escrita e não por meio de memorizações conforme teorias tradicionais:

As crianças precisam ler para visualizar a forma escrita das palavras porque é na leitura que a memorização visual se dá, e fazer a escrita posterior, escrita consciente, e não cópia, para reforçar a memorização visual. É por isso que os linguistas afirmam que os erros ortográficos cometidos pelas crianças das séries iniciais, revelam, entre outras coisas, o pouco uso que a escola faz da leitura com os alunos.

E, enquanto a criança não lê sozinha, o professor é o escriba e motivador para essa prática saudável e necessária. A importância da leitura na formação inicial da escolarização requer professores com conhecimento maior sobre leitura, tanto na formação de gosto pela leitura (metodologias, funções, tipos de textos), como na compreensão cognitiva de linguagens de leitura, oralidade e escrita. Sim-sim (2001) discorre sobre a necessidade do adulto/professor aprender conceitos corretos de leitura, não apenas decifrar códigos, mas utilizar conteúdos específicos e práticas pedagógicas apropriadas. A autora cita algumas formas pelas quais a leitura possa ser uma atividade prazerosa:

“Ler é extrair significado, o mesmo é dizer, compreender o que está escrito. [...] o domínio da compreensão exige perceber os mecanismos cognitivos subjacentes e estratégias mais eficazes para abordar de forma intensiva um texto, antecipando a compreensão através do reconhecimento de indi-

cadores temáticos (títulos, gravuras), identificando vocábulos-chave e sintetizando o essencial da mensagem. Dito de outra forma é necessário ensinar o futuro professor para ensinar à criança estratégias de automatização da leitura que lhes possibilitem obter do texto um sentido tão profundo quanto possível e enraizar hábitos de leitura, essenciais à prática de leitura extensiva e, conseqüentemente, ao prazer de ler. (SIM-SIM, 2001, p. 56)

Shön (2008) define o conhecimento prático e inteligente como conhecer-na-ação, em que se emprega conhecimento tácito e rotineiro e quando aparecem novas situações, para o qual não tem uma pronta resposta, o profissional volta-se para o fato estranho, passa a refletir e avaliar seu trabalho, formulando estratégias de ação às compreensões dos fenômenos, ou às formas de conhecer os problemas. O trabalho de atividade alfabetizadora implica em trabalho sério e competente, de um profissional tecnicamente bem amparado e que se dispõe à constante busca. Ao falar sobre dificuldades que professores de anos iniciais encontram em equilibrar conceitos de alfabetização e letramento, que é a aplicabilidade do que se aprende, com suas práticas junto aos estudantes, Maciel (1998, p. 18) afirma:

Esse equilíbrio poderá ser alcançado, se, para além do discurso-denúncia, tão presentes nas pesquisas de alfabetização no Brasil, formos capazes de produzir pesquisas empíricas e estudos comparativos que propiciem a produção de alternativas pedagógicas que possam subsidiar a prática pedagógica de professores.

Vigotsky (1989) enfoca características únicas nos humanos, suas transformações e relações ativas nos contextos culturais e históricos. Os signos e instrumentos criados e utilizados pela humanidade que mudam conforme mudam os conceitos sociais. O uso da linguagem para Vigotsky constitui-se na condição elementar para o desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores (a consciência). Nas interações intra e interpessoais

a criança absorve conteúdos historicamente produzidos através da linguagem. A palavra, portanto, é o modo mais puro da interação social. Para o autor, a linguagem interior, depois exterior, exerce, além do desenvolvimento mental, uma função organizadora e planejadora de seu pensamento, na interação social e comunicativa. Com a linguagem a criança entra em contato com o conhecimento humano e adquire conceitos sobre o mundo que a rodeia. Ele defende que as funções psíquicas do indivíduo são constituídas na medida em que são utilizadas.

Larosa e Matos (2007), ao abordar conceito de leitura, dizem que a humanidade é resultado de muitas leituras verbais e não verbais. Lemos tudo o que está a nossa volta e, “nenhum ser humano, sendo ele racional ou não, se torna agente dentro de um âmbito que não compreende”. Ele lista um conjunto de ações para haver leitura: decodificações de signos, experiências prévias, interação (leitor e texto), reflexão e compreensão. Sendo que a leitura é a “comunhão de processos cognitivos e comunicativos”. Portanto, estabelecer relações do texto com o contexto maior: conhecimentos vivenciados são imprescindíveis. Conhecimentos prévios indicam conexões para a compreensão do texto e da linguagem.

Para Bakhtin (1988), é no fluxo da interação verbal que a palavra se transforma e ganha diferentes significados. Ele procura desvendar a evolução semântica da língua partindo dos confrontos ideológicos dos valores sociais contraditórios ao longo da história social humana. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente que sua consciência desperta e começa a operar. Bakhtin (1992, p. 384) afirma que toda a compreensão representa a confrontação de um texto com outros textos [...]. Um texto vive unicamente se está em contato com outro texto. Unicamente no ponto desse contato é que surge uma luz que ilumina atrás e adiante e que insere o texto dado ao diálogo.

A verdade é que quando o trabalho é feito em sala de aula, os estudantes ficam mais entu-

siasmados e pedem para que a leitura diária seja feita. Apresentam interesse em manter na rotina o trabalho com literatura, reproduzem falas de textos, fazem conexão entre assuntos que ouviram durante a leitura com outras atividades feitas na escola ou que vivenciaram em outros locais. São crianças mais ativas e se arriscam muito mais em atividades novas. Apresentam vocabulário mais rico e debatem assuntos levantados em sala de aula. Agem com mais autonomia e discutem entre si, sem muitas desavenças, solucionando problemas sem muita intervenção do adulto.

Contudo, as atividades que temos são inúmeras: vencer conteúdos, os profissionais têm que cobrir faltas, número de alunos, resolução de problemas, indisciplina, problemas sociais e de aprendizagem, fatores extraescolares, doenças pelo excesso de trabalho, imposição de trabalhos às pressas da mantenedora, entre outros muitos aspectos, estamos nós com a incumbência de realizar um trabalho a contento. A LDB n. 9394/96 dispõe sobre os docentes, que seu trabalho não se restringe à sala de aula, mas contempla as relações com a comunidade, planejamento do projeto pedagógico, participação nos conselhos, entre outras funções. Conforme afirma Oliveira, o cenário escolar é marcado pela contenção de gastos e restrição de recursos.

CONCLUSÕES

Ao realizar esta pesquisa teórica, entendo que é extremamente importante que a leitura enquanto uma forma de lazer, prazer e aprendizagem seja estimulada em nossas escolas. No entanto, a realidade fática torna os ambientes de leitura (faróis do saber, bibliotecas, cantos de leituras, etc.) pouco atraentes, já que muitas vezes o que se preza é a “ordem” daquele espaço.

A leitura pressupõe, antes de qualquer coisa, que o texto (na forma de livro, revista, folheto, etc.) seja um objeto de desejo e de realização de prazer no contato com o leitor. Embora seja inegável a importância do convívio com textos para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, é ainda mais importante que na alfabetização ocorra o

desenvolvimento do sentimento de desejo, além da compreensão da função social da escrita e da literatura.

Concluo que, não obstante os inúmeros afazeres, é extremamente importante que no trabalho de alfabetização e letramento o professor se torne um constante incentivador da leitura em sala de aula. Alguns minutos diários de leitura em sala, seja em roda de leituras, seja o professor lendo ou criando um ambiente para a hora de leitura da turma. Enfim, qualquer forma que o profissional encontrar para que a literatura seja parte das atividades cotidianas fará toda a diferença. Os estudantes precisam ver que o professor gosta e promove a leitura, sendo uma atividade desenvolvida diariamente, para que perceba que aprender a ler faz sentido em sua aprendizagem, de hoje e para toda a vida.



Referências bibliográficas:

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.N.) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitc, 1988.
- Estática da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- CASTANHEIRA, Maria Lucia; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; MARTINS, Raquel Márcia Fontes (orgs). **Alfabetização e Letramento na Sala de Aula**: Autentica 2009.
- DE MATOS, Francine Lima, LAROSA, marco Antonio. **Leitura em sala de aula**, avm.edu.br,2007. Educ. Soc. Campinas, vol 30, n. 107, p. 349-372, mai/ago. 2009 . Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- FERRERO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- KRAMER, Sônia. **Alfabetização. Leitura e Escrita** – Formação de Professores em Curso. São Paulo: Ática, 2010.
- MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MORAIS, José. **A Arte de Ler**. (Tradução Álvaro Lorençini)-São Paulo: Unesp, 1996.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Regulamentação da educação na América Latina: repercussões sobre a identidade dos trabalhadores docentes**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 44, p. 209-227, 2006.
- SIM-SIM, Ines. **A Formação para o Ensino da Leitura**. In Caderno para a Formação de Professores. Lisboa: Editora. INAFOP, 2001.
- SHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre. Artmed, 2007.
- VIGOTSKY L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**..Uma história de amor e ódio. Trad, Rubens Figueiredo. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**; trad. Claudia Schilling-6ª ed. - Porto Alegre: Artmed, 1998.
- FERRERO, Emilia; TEBEROSKI, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Artes Médicas: Porto Alegre, 1985. p 284.